

CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO, UM SÍTIO, UMA PAISAGEM

João Muralha Cardoso^{1*}

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Universidade de Coimbra

RESUMO

Neste texto pretende-se inserir Castelo Velho de Freixo de Numão numa rede de sítios genericamente contemporâneos. Parte-se de um intenso trabalho de prospecção efectuado nos últimos anos e reflecte-se sobre a paisagem arqueológica e a categorização dos sítios encontrados.

PALAVRAS CHAVE: Sítios arqueológicos, Paisagem, 3.º/2.º milénio A.C.

ABSTRACT

This text intends to insert Castelo Velho de Freixo de Numão in a network of contemporary sites. We start from an intense fieldwork carried out in the last years and we think about the archaeological landscape and the categorization of the sites.

KEYWORDS: Archaeological sites, Landscape, 3.º/2.º millennium A.C.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos o panorama arqueológico no Alto Douro português alterou-se substancialmente. Trabalhos de campo que deram origem a cartas arqueológicas concelhias, projectos de investigação que resultaram em dezenas de publicações e trabalhos de âmbito académico com questionários precisos, modificaram a forma como os investigadores olharam para este

^{1*} jmuralha@gmail.com. O autor escreve conforme o antigo acordo ortográfico.

território. Quando as escavações em Castelo Velho de Freixo de Numão se iniciaram, os sítios conhecidos nesta área, não ultrapassavam as duas dezenas. Hoje suplantam a centena.

No âmbito da Pré-história Recente, é importante referir que aquela escavação marcou uma geração de arqueólogos que aí se formaram e fizeram trabalhos de licenciatura, seminários de fim de curso, dissertações de mestrado e de doutoramento. Os dados do sítio arqueológico foram intensamente trabalhados e discutidos, mas poucos trabalhos incidiram sobre a “paisagem arqueológica” de Castelo Velho de Freixo de Numão. Apenas António Sá Coixão (1996, 1999, 2009), João Muralha Cardoso (1996, 2010), Cristina Silva (1996) e José Manuel Varela (2000), fizeram trabalho de campo na paisagem próxima ao sítio arqueológico, resultando em trabalhos diferenciados mas com um grande conjunto de dados que nos últimos anos têm sido pensados (Cardoso 2010 e 2017). Um pouco mais a Oeste, na área do Parque Arqueológico do Vale do Côa, fizeram-se prospecções arqueológicas desde Agosto de 1995 com o objectivo de elaborar um Relatório Científico (VVAA 1997) a entregar à tutela. Este importante documento fazia o ponto da situação sobre aquela área, e relativamente à Pré-história Recente avançava algumas reflexões sobre o “modelo de povoamento” (VVAA 1997:83-86).

O texto que agora se apresenta, tem como objectivo principal inserir o sítio arqueológico de Castelo Velho de Freixo de Numão numa rede de sítios contemporâneos. Este objectivo pressupõe pensar sobre um espaço geográfico específico e sobre uma temporalidade concreta. O desafio principal passará por uma reflexão sobre o estar na paisagem, sobre os lugares e sobre as variabilidades interpretativas que essa paisagem nos oferece.

Este trabalho recolhe informação proveniente de duas áreas distintas; as publicações com cartografia arqueológica (Coixão 1996, 2009; Muralha 1996; VVAA 1997; Cardoso 2010, 2017a e 2017b) e um intenso trabalho de campo onde não só se objectivava a procura de novos sítios, como se visitava os sítios já conhecidos e os interrogávamos à luz de um questionário específico.

Tendo em consideração esta diversidade de fontes e a variabilidade encontrada relativamente ao estado da investigação em cada um dos sítios arqueológicos, a reflexão que nos propomos fazer será sempre incompleta. Existem locais completamente escavados, outros ainda em escavação, outros apenas sondados e a maior parte apenas reconhecidos no âmbito dos diferentes projectos de prospecção. Desta forma, este texto parte de um levantamento dos sítios arqueológicos identificados como sendo do 3º e da primeira metade do 2º milénios AC numa

área específica do Alto Douro português (o Douro Superior), e pretende levantar um conjunto de questões que no futuro, nos poderão ajudar a reflectir sobre quadros interpretativos da paisagem da Pré-história Recente daquela área.

O sítio arqueológico que hoje é o ponto de partida deste trabalho, não é único nem existe isolado. Existe num esporão voltado ao vale da ribeira do Vale da Vila, tributária do rio Douro, é visto e olhado, olha a paisagem, marca percursos e mobilidades, mas ao mesmo tempo é ele próprio constitutivo dessa paisagem, é um lugar integrado e integrador de um conjunto complexo de outros lugares, de outros sítios, e essencialmente de espaços entre eles.

2. OS CONCEITOS DE PAISAGEM E LUGAR

O estudo desta paisagem inicia-se com a cartografia de outros sítios arqueológicos que obedecem a uma contemporaneidade genérica com os momentos de ocupação de Castelo Velho de Freixo de Numão.

Este último parágrafo remete-nos para a discussão necessária acerca dos sítios arqueológicos cartografados, tratados como pontos fixos numa paisagem (ou como pontos num mapa). Estes representam apenas uma localização, uma quietude de onde a paisagem emerge. Torna-se necessário pensar, reflectir e contra-argumentar; a paisagem não emerge a partir de pontos fixos, a paisagem não se revela a partir de sítios, mas sim revela-se através da mobilidade e da acção contínua que essa mobilidade implica e é nesse tempo que a paisagem se torna activa e componente integrante duma acção. Ao reflectirmos sobre a paisagem, reflectimos igualmente sobre o homem, sobre o seu habitar, sobre a sua percepção de estar no mundo e em última análise sobre nós próprios, enquanto investigadores imbuídos de um questionário que queremos ver respondido. Tanto os homens como as paisagens mudam e se transformam e as ideias e as percepções viajam, tanto hoje, como no passado. Comecemos pelo conceito “paisagem”².

As perspectivas da arqueologia pós-processual e da arqueologia cognitiva assumem a interpretação da paisagem como a expressão de uma comunidade que pensa e actua sobre o mundo (Bradley 1998). Esta abordagem à paisagem é de tal forma abrangente que a operacionalidade do próprio

² Ver David e Thomas 2010, para o estado da arte sobre esta temática.

conceito se esbate; refere-se que a paisagem apenas adquire significado ao ser alterada pelas pessoas (Gramsch 1996:13); paisagem é o meio sobre o qual a vida social é conduzida (Darvill 1997:78); paisagem é o contexto para a acção social, sendo desta forma, socialmente construída (Barker e Darvill 1997:5); a paisagem como memória (Knapp e Ashmore 2000:13-14); a paisagem como mito(s) (Cosgrove 1993:281); a paisagem e as metáforas (Tilley 1994:30); a paisagem como narrativa (Tilley 1994:33 e 2004:31, Basso 1996:66); a paisagem como incorporadora da vida quotidiana e das acções políticas contemporâneas (Bender 1999:5), paisagem como provocação [humana/natural/política] (Massey 2006), entre muitas outras acepções demonstrativas da variabilidade do termo. A paisagem tem que se tornar cada vez mais, um objecto de reflexão teórico-metodológica no interior da arqueologia enquanto disciplina. Em anos mais recentes temos assistido a alguns debates e explanações de ideias que reflectem esta preocupação (Thomas 2001, Witmore 2007, David e Thomas 2008, Harmansah 2014, entre muitos outros) e apercebemo-nos de que hoje, paisagem continua a ser tratada de modos bastante diversos. No entanto podemos agrupá-las em três formas de perceber e utilizar o termo; como território que pode ser apreendido visualmente, como um conjunto de relações entre pessoas e lugares que contextualiza o seu quotidiano e uma última que vai além da reconstrução de regimes económicos e de especulações de como o território foi percebido pelas comunidades do passado. Aqui, como refere Thomas (2001:181) é necessário considerar as formas de como a paisagem vai adquirindo significados que podem emergir através das práticas, das acções nessa paisagem; construções, mobilidades, recollecções, colheitas, habitação. Todas estas formas de estudar e reflectir a paisagem são diferentes e as duas primeiras, praticamente opostas, mas o mais importante, ao pensar sobre paisagem, é não esquecer que esta, está continuamente num processo de transformação, mas uma transformação não linear, não cumulativa e não contínua.

É nesta multiplicidade e mutabilidade expressiva do conceito paisagem que hoje nos encontramos. Hoje, a prática arqueológica relacionada à paisagem mostra-se transformada e renovada. Este progresso assentou não só nas discussões teóricas e metodológicas dos últimos anos, como no intenso trabalho de prospecção que tem acontecido a nível dos projectos de investigação orientados à contextualização de sítios; prospecções no quadro da arqueologia preventiva e no quadro dos levantamentos arqueológicos

promovidos pelas autarquias. Estes novos dados tornam necessário uma abordagem à paisagem, não como entidade isolada, mas sim como uma entidade em contexto; em contexto com a sua fisicalidade, com o homem, com as suas práticas e processos sociais, com as comunidades que existem, que se relacionam e envolvem entre elas e o território.

Chega o momento de perguntarmos: Como é que operacionalizamos este conceito, no âmbito deste trabalho? A dimensão contemporânea da paisagem [da arqueologia da paisagem] relaciona-se a uma arqueologia social onde os lugares assumem um envolvimento mais experiencial do que uma arqueologia de causas e consequências do comportamento humano num determinado espaço físico. Existe uma preocupação com o lugar de toda a prática humana em todas as suas dimensões. A noção absoluta de lugar perde importância para os vários sentidos desse mesmo lugar. Neste trabalho operacionalizamos este conceito através de três ideias sempre entrecruzadas e que servem de vectores metodológicos de trabalho: a) A paisagem, ou melhor, as paisagens não têm limites físicos definidos, quer no espaço, quer no tempo, excepto o limite imposto pelas técnicas analíticas e procedimentos intelectuais; b) Teremos sempre em consideração que a estruturação de uma paisagem, a procura de “padrões de povoamento” podem ser percebidos de muitos pontos de vista e c) A paisagem terá tanto a ver com “espaços” ocupados e “espaços” não ocupados, como com questões de definições de sítios e monumentos.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DO NOSSO ESPAÇO DE TRABALHO

De uma forma muito sucinta, pois estas questões de contextualização geográfica, geológica e geomorfológica são tratadas em outro capítulo desta publicação, o nosso trabalho tem como limite Norte o Rio Douro, a Sul a Serra da Marofa, a Este a Ribeira de Aguiar e a Oeste o Rio Torto. Em termos geográficos, insere-se no Alto Douro e depressões anexas (Ribeiro 1986:188/189) e tem como substrato geológico o xisto, o granito e o quartzito.

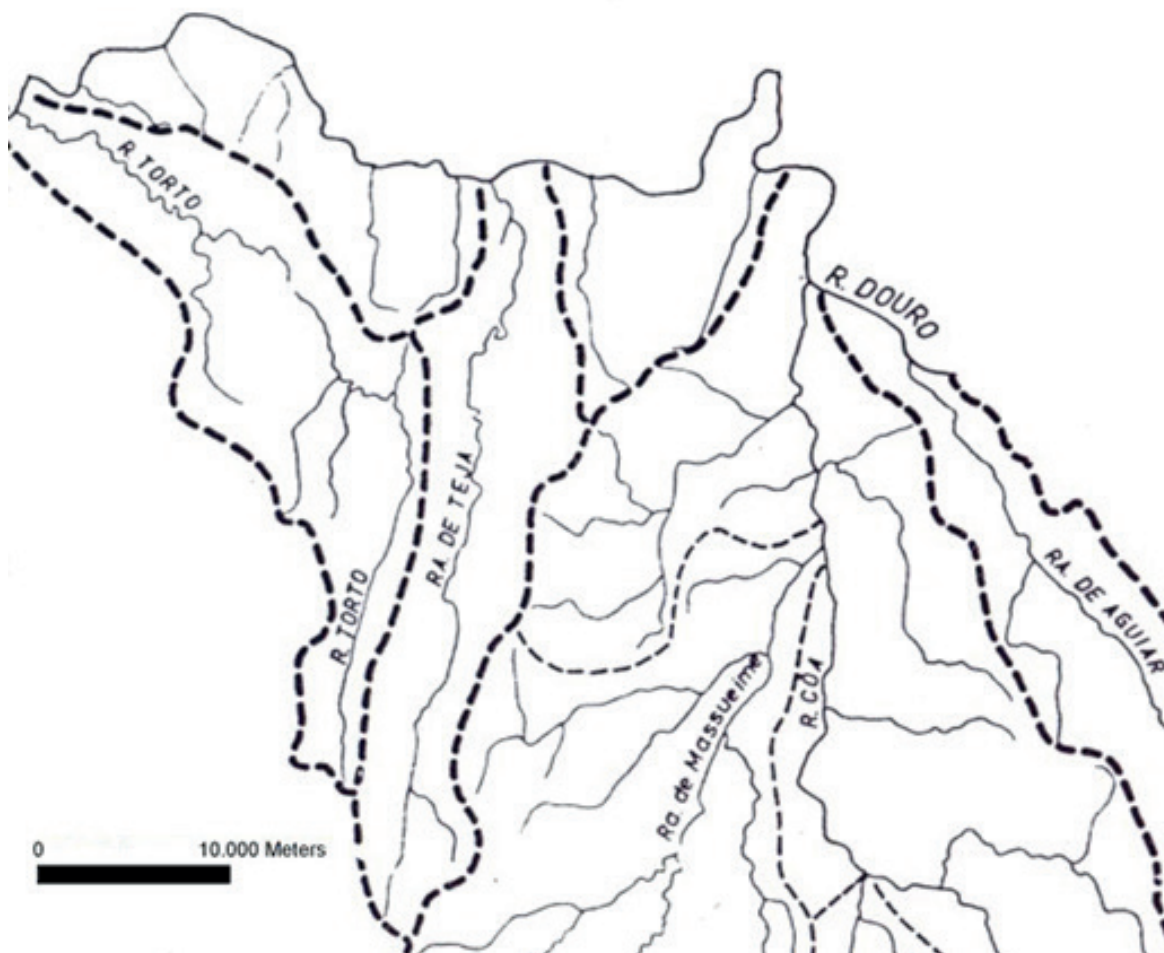


Fig. 1 - Delimitação da área de trabalho. Abrange parte das bacias hidrográficas dos rios Côa e Torto, das ribeiras de Aguiar, Vale da Vila e Teja. Adaptado de Ferreira 1978:317. O mapa encontra-se orientado a Norte.

4. ETAPAS DE TRABALHO E RESULTADOS GRÁFICOS

A primeira fase do nosso trabalho consistiu na elaboração de uma base de dados onde pudéssemos descrever os sítios arqueológicos relativamente à sua localização administrativa, implantação geológica e geomorfológica. Era igualmente importante inserir nessa base de dados a possibilidade de analisar alguns vectores da paisagem, quer percebidos dos sítios, quer para os sítios. Surgiram assim, entradas como horizonte, linha de horizonte, proximidades visuais, linhas de mobilidade e visibilidades e intervisibilidades, que nos permitiram questionar estes dados recolhidos de uma forma mais dinâmica.

A próxima figura cartografa os sítios arqueológicos na nossa área de trabalho. Tendo em conta a quantidade de locais assinalados, a prospecção mais ou menos intensa que tem sido feita e os seus diferentes graus de estudo, impõe-se algumas observações prévias. A base de dados de sítios arqueológicos compreende um total de 141 entradas, mas no entanto iremos utilizar apenas 112 sítios arqueológicos. Que tipo de opções tomamos para chegar a este número?

Os sítios que não foram objecto de análise idêntica às efectuadas nos trabalhos de 2011 e 2013 (embora este último só publicado em 2017b) foram descartados não sendo assim contabilizados, optou-se igualmente por não integrar as evidências arqueológicas classificadas como “indeterminadas” e os “achados isolados”.

Os cento e doze sítios que foram considerados neste trabalho são considerados estações arqueológicas objecto de escavação e/ou sondagens e todos os outros locais que através da prospecção e/ou publicação por parte de outros autores, não nos levantaram dúvidas suficientes para os descartarmos. Por último relembramos que a nossa análise remete apenas para os sítios arqueológicos com uma cronologia do 3º e 2º milénio AC. É evidente que esta temporalidade é baseada nas materialidades desses sítios, nas publicações já feitas e nas raras datações cronométricas obtidas.

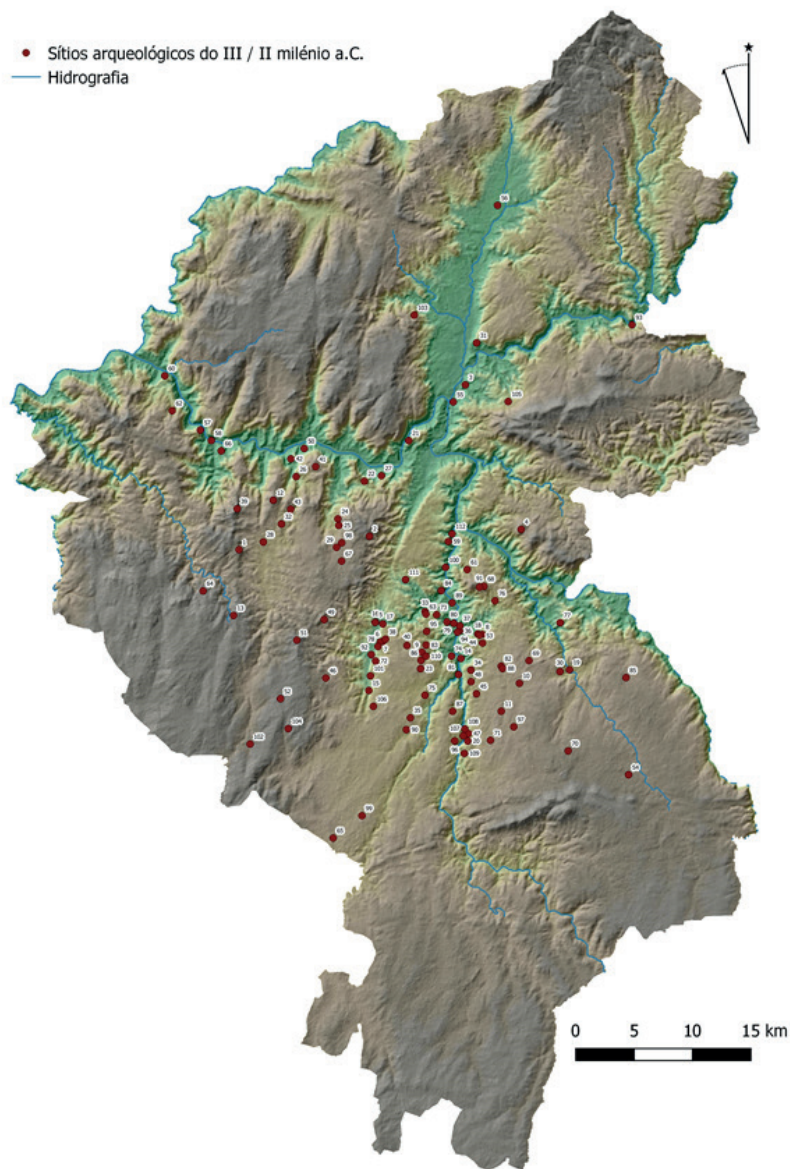


Fig. 2 – Implantação de todos os sítios arqueológicos inicialmente considerados³.

³ A base cartográfica sobre a qual trabalhamos foi executada por Sofia Lacerda, a quem muito agradecemos.

1-Castanheiro do Vento; 2-Castelo Velho de Freixo de Numão, 3-Quinta de Alfarela; 4-Nossa Senhora de Urros; 5-Vale da Veiga II; 6-Curral da Pedra; 7-Curva da Ferradura; 8-Vale Mateus; 9-Quinta da Torrinha; 10-Castelo de Algodres; 11-Barrocal Tenreiro; 12-Castelo de Numão; 13-Castro de São Jorges; 14-Salto do Boi/Cardina; 15-Quinta dos Gamoais de Baixo; 16-Vale da Veiga I; 17-Castelo Velho de Tambores; 18-Fumo; 19-Insula II; 20-Casa Grande; 21-Castelo Velho do Monte Meão; 22-Castelo Velho das Mós do Douro; 23-Castelo Velho de Santa Comba; 24-Abrigos do Vale Ferreiro; 25-Abrigos da Painova; 26-Citânia da Teja ou Sobreiral; 27-Campanas; 28-Raza I; 29-Alto de Santa Eufémia; 30-Olga Grande 14; 31-Baldoeiro; 32-Zaralhôa; 33-Alto do Castelo ou Tapadão; 34-Cabeço da Lapa; 35- Castelos (Santa Comba); 36-Quinta da Barca; 37-Penascosa; 38-Lapas; 39-Senhora do Viso; 40-Abrigo das Chãs; 41-São Martinho; 42-Pitanceira; 43-Raza II; 44-Gamoal do Poio/Gamoal; 45-Alto da Resenha; 46-Castelo Velho da Mêda; 47-Lapas Cabreira; 48-Teixoeiras 49-Montes; 50-Castelo Velho das Seixas (Castelos); 51- Santa Columba; 52; Castelo do Nunes; 53-Ribeirinha; 54-Ataúdes; 55-Quinta de Vila Maior; 56-Cabeço da Mina; 57-São Salvador do Mundo; 58-Quinta da Abelheira; 59-Vale de Moinhos; 60-Senhora de Lourdes; 61-Namorados; 62-Cerro do Bastião; 63-Monte; 64-Castelo Velho de Souto; 65-Quinta do Campo; 66-Santa Bárbara; 67-Vale Minhoto; 68-São Gabriel; 69-Seixo I e II; 70-Rocha de Figueira de Castelo Rodrigo; 71-Monteira; 72-Alto da Lamigueira; 73-Perdigueiros; 74-Currais das Mós/Tomadias; 75-Cabeçinho da Perdiz; 76-Vale de Figueira; 77-Penascosa (praia); 78-Amendoal de Quintãs; 79-Quinta da Barca 1; 80- Quinta da Barca/Cortes 1; 81-Espinhaço; 82-Olga Grande 1; 83- Jardim I; 84-Ribeira de Piscos; 85-Castelão; 86-Olival da Quinta da Torrinha; 87-Bultreira; 88-Olga Grande 2; 89-Olgas de Ervamoira; 90-Ribeira da Ramila II; 91-São Gabriel 1; 92-Vinha do Cruzeiro/Estela de Longroiva; 93-Fraga do Fojo; 94-Quinta da Barca Sul; 95-Castelo de Foz Côa; 96-Castelo dos Mouros; 97-Sachagada; 98-Freixo de Numão; 99-Santa Bárbara; 100-Vale de Videiro; 101-Vinagreira; 102- Senhora de Vila Maior; 103-Quinta do Couquinho; 104-Santa Bárbara de Valflor; 105-Moncorvo; 106-Fraga Alta; 107-Ervideiro 1; 108-Ervideiro 2; 109-Rocha da Mioteira; 110-Casal; 111-Vale das Águedas; 112-Foz da Vale do Forno.

Uma análise imediata ao mapa revela-nos algumas constatações; o grande número de sítios implantados perto, ou junto a linhas de água com algum caudal, como o Rio Douro, o Rio Côa, a Ribeira de Piscos e a de Massueime. Outra constatação relaciona-se com um grande conjunto de sítios em áreas de rebordos sobre vales abertos e planaltos. E por fim a existência de algumas áreas com grande concentração de sítios e outras áreas com menos ou nenhuns.

Estas observações são facilmente explicáveis. As duas primeiras relacionam-se ao carácter físico da paisagem pontuada por linhas de água e às características geomorfológicas desta região; grandes vales abertos e extensos planaltos.

No entanto estas observações são apenas baseadas em pontos num mapa. Os mapas são mundos numa superfície plana. São representações imóveis de pontos dinâmicos. Os sítios aí cartografados são bidimensionais, são estáticos. Torna-se importante dotar estes pontos, ou esta cartografia, de uma leitura mais interpretativa. É necessário tentar identificar as várias escalas dos sítios; desde os recintos aos locais quase invisíveis na paisagem. É necessário procurar as intersecções entre eles, isto é, as várias dinâmicas de mobilidade que possam existir na paisagem. A compreensão de uma paisagem passa, não pela sua fragmentação em sítios arqueológicos fixos e centrados, mas pela acção e movimentação contínua num território, descentrando-o das estações arqueológicas que hoje, com o nosso “olhar” contemporâneo (Thomas 2005), (ao qual é impossível fugir), estudamos⁴.

4.1. OS GRÁFICOS

Os próximos gráficos são instrumentos de análise que nos permitem olhar para a paisagem e reflectir. Foram elaborados a partir de perguntas feitas à base de dados onde o universo total dos cento e doze sítios foi sempre o ponto de partida.

É importante não esquecer que todas as observações que serão feitas a partir dos gráficos, terão que ser sempre consideradas “provisórias”. Não no sentido de que eventualmente se chegará a conclusões definitivas, mas no sentido em que a continuação do trabalho de campo poderá alterar estes dados.

⁴ É impossível fugir a este “olhar” contemporâneo, mas por outro lado, é possível “olhar”, com essa consciência de que é impossível fugir, e tentar utilizar essa impossibilidade, através de cartografia, de lentes de máquinas fotográficas, de fotografias aéreas e da utilização de drones, como possibilidade de estudo. Transformar essa impossibilidade em reflexão.

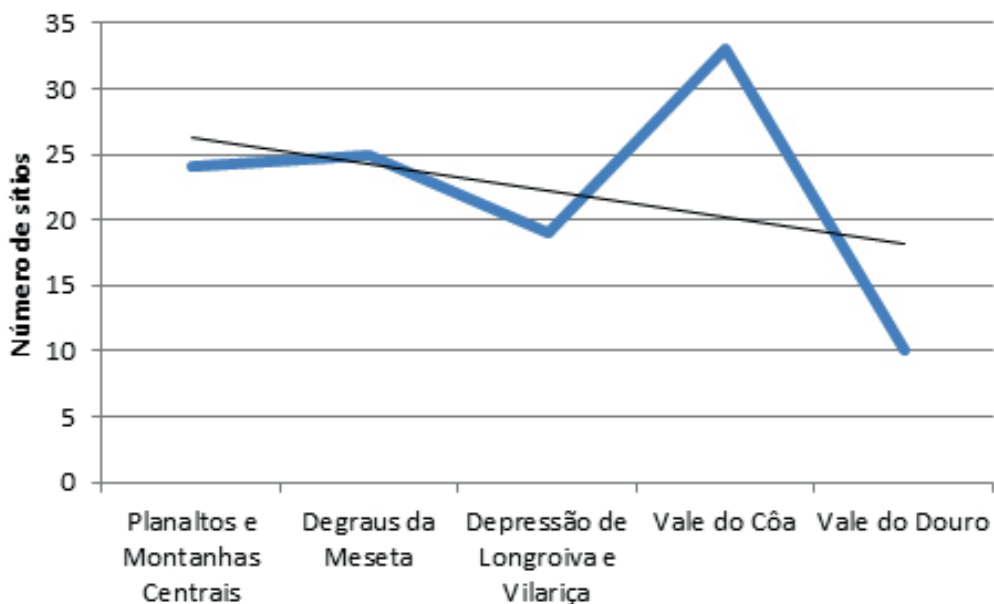


Fig. 3 – Implantação dos sítios identificados nas superfícies morfológicas.

O gráfico da figura 3 mostra-nos uma certa homogeneidade na implantação morfológica dos sítios arqueológicos. Existe um predomínio de locais no Vale do Côa (30%), que se explica pelos projectos de prospecção arqueológica aí existentes e pelo quase contínuo trabalho de campo que Mário Reis, do Parque Arqueológico do Vale do Côa, tem executado (Reis 2012, 2013 e 2014). As outras percentagens, 22% para os Planaltos e Montanhas Centrais, 21% para os vários degraus da Meseta em território português e 17% para a área que cobre a Depressão de Longroiva e de Vilaria correspondem a áreas onde têm existido alguns trabalhos de prospecção (VV.AA 1997, Coixão 1999 e Cardoso 2010). O que é interessante notar é uma relativa homogeneidade de ocupação remetendo para um território constantemente percorrido. A relativa baixa percentagem (9%) de sítios arqueológicos ao longo do Vale do Douro, parece reflectir um problema pós-deposicional; a plantação das vinhas nos últimos 30 anos terão destruído alguns sítios arqueológicos. A maior parte dos sítios aí identificados localizam-se em zonas de cumeada, ainda livres dos trabalhos agrícolas.

A recta de tendência linear do gráfico, embora tenha uma tendência decrescente, devido ao valor do Vale do Douro, apresenta uma certa homogeneidade. Poderemos traduzir esta homogeneidade como um factor dinâmico da ocupação desta área.

Perguntamos agora: Será que a implantação geomorfológica dos sítios também será homogénea?



Fig. 4 – Implantação dos sítios identificados nas unidades geomorfológicas específicas.

No gráfico da figura 4 observamos uma implantação não homogénea dos sítios. Existe uma clara prevalência dos locais implantados em cumeadas (43%) e a meia encosta (24%), perfazendo praticamente dois terços do total dos sítios. Nesta análise teremos que introduzir as situações associadas às alterações pós-deposicionais de âmbito natural e as alterações antrópicas. Os sítios localizados nos topos das colinas só nos últimos anos foram objecto de destruição/alterações provocadas pelo homem, como o plantio de vinhas e de eucaliptos. Por outro lado, os locais de fundo de vale e de várzea estão sujeitos não só à acção do homem, como a processos pós-deposicionais intensos. No entanto a ideia que poderemos reter associa-se à escolha de implantações geomorfológicas de cota mais elevada.

Tendo em consideração a homogeneidade da localização dos sítios em grandes unidades morfológicas e a sua variabilidade quando cartografados na sua implantação geomorfológica, podemos continuar a testar a nossa Base de Dados perguntando: Que relação⁵ terão com a paisagem, com determinadas características significativas dessa paisagem? Entendemos por relação uma intervisibilidade entre o sítio e a paisagem.

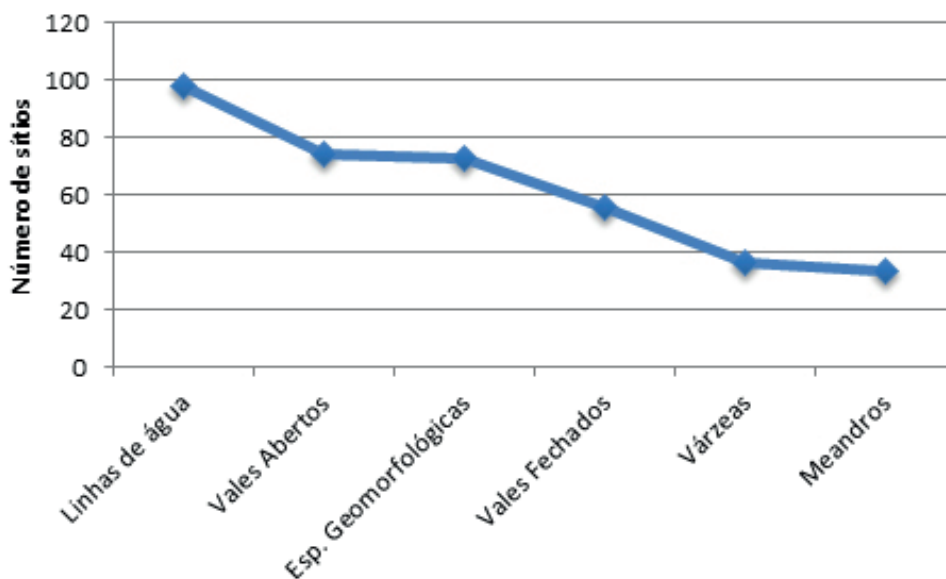


Fig. 5 – Sítios identificados associados à sua implantação no terreno.

A análise do gráfico da figura 5 é simples. O total dos sítios foi comparado à vez com todas estas características e os números do gráfico são absolutos.

As linhas de água, sejam de grande caudal e significativas na paisagem (como os rios Douro, Côa e Sabor), sejam de menor caudal (como a Ribeira

⁵ Entendemos por relação uma intervisibilidade entre o sítio e a paisagem. E uma intervisibilidade é um conceito dinâmico. Implica movimento, implica a ideia de “olhar para” e ser “olhado de”. Transporta consigo o sentido de percepção de lugares. Se, por exemplo, considerarmos que o conhecimento do mundo para estas comunidades é obtido, entre outras acções, através do movimento, as intervisibilidades constantes são uma, de muitas outras formas, de adquirir capacidades de percepção desse próprio mundo.

da Teja e Ribeira do Vale das Vila), foram contempladas neste *item*. Assim, 98% dos locais estão associados a uma, ou mais linhas de água.

As especificidades geomorfológicas também parecem ter um efeito significativo na paisagem, pois 73% dos sítios relacionam-se com uma ou mais destas características. Enquanto as linhas de água poderão ter sido importantes a vários níveis (consumo, mobilidade, percepção dinâmica da paisagem), as especificidades geomorfológicas parecem não ter um papel de carácter económico e funcional imediato para estas comunidades.

Os vales, quer abertos na paisagem, quer fechados e mais circunscritos à intervisibilidade, parecem ter alguma importância. Os primeiros distribuem-se por 74% dos sítios arqueológicos e os segundos por 56%. Abaixo dos 50%, temos as várzeas (36%) e os meandros dos rios (30%).

De uma forma geral, sugere-se que todos os locais identificados parecem ter uma relação global com a paisagem. A implantação dos sítios parece apontar, não para áreas significativas e relacionadas com uma determinada especificidade, sejam geomorfológicas, sejam linhas de água, sejam vales, mas parecem fazer referências, ou talvez citações, à paisagem no seu todo, não apenas como olhada, mas essencialmente como percorrida.

Descriminemos agora, por implantação geomorfológica os locais relacionando-os com as características do terreno para tentarmos sugerir outro tipo de relações.

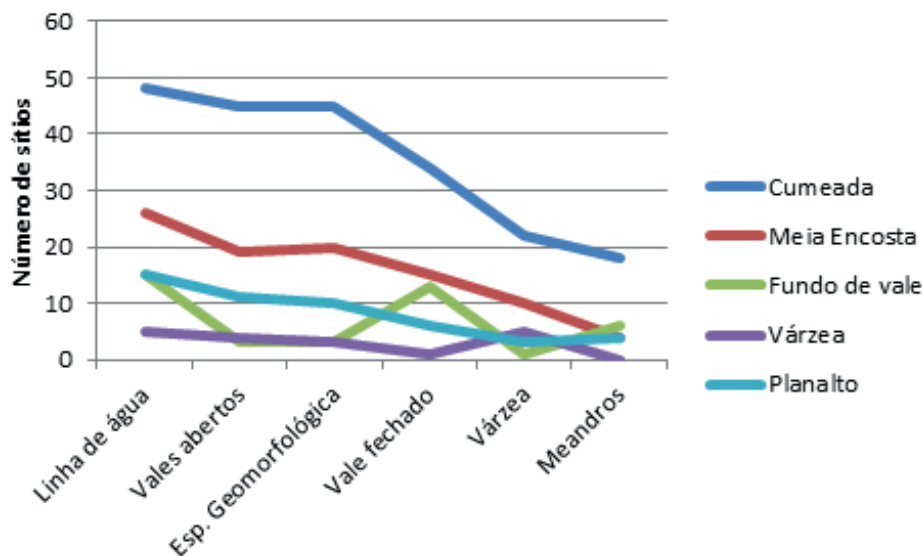


Fig. 6 – Implantação de sítios arqueológicos e sua associação ao terreno.

A leitura imediata do gráfico da figura 6 remete-nos para uma certa homogeneidade, mesmo tendo em consideração o total diferente de sítios em cada implantação. Todas as curvas são semelhantes, especialmente os sítios localizados em cumeadas e a meia encosta, mas existe uma excepção; os sítios localizados no fundo de vales. Embora o total de sítios tenha apenas um somatório de 15, a observação reveste-se de alguma importância; a curva destes sítios é contrária à dos outros, à excepção da variável linhas de água. Enquanto nos outros sítios, a curva desce e sobe nas mesmas variáveis, nos sítios de fundo de vale, a curva sobe em variáveis diferentes; os meandros dos rios e os vales fechados parecem ter alguma importância na escolha destes lugares.

A elaboração deste gráfico torna evidente que a simples indexação dos sítios analisados a uma implantação topográfica torna a análise limitada. Mesmo detalhando um pouco a leitura do gráfico, apercebemo-nos que as linhas de água constituem um factor determinante na escolha dos locais, assim como os vales abertos. Mas pouco mais podemos dizer. É necessário encontrar outras formas, não só de “olhar” a paisagem, como de “ver” os sítios arqueológicos, o que será o tema do próximo ponto.

5. AS INTERPRETAÇÕES: A PAISAGEM DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

“O tema era, no princípio, os “povoados fortificados”, depois “lugares monumentalizados, dispositivos comunicacionais”, recintos. O tema era, e continua a ser, sítios implantados em determinados locais, com uma ou mais linhas de murete a circundá-lo, com estruturas específicas a ele associado, caso de “bastiões” e estruturas circulares. No entanto, esta paisagem é constituída por uma pluralidade de sítios arqueológicos (...)” (Cardoso 2010:397)

Começemos por olhar para os sítios. A citação anterior remete-nos para um tipo de sítio específico; os recintos, mas relembra-nos que os recintos constituíam apenas uma parte dos sítios identificados como tendo uma cronologia do 3º e 2º milénio AC.

Tentemos sair do campo descritivo e ensaiar a interpretação. Um primeiro ponto relaciona-se com a categorização dos sítios arqueológicos, independentemente da sua implantação geomorfológica⁶.

Como referido em publicação anterior (Cardoso 2017b:16), as categorias agora apresentadas não pretendem constituir-se como uma classificação tipológica dos sítios arqueológicos do 3º e 2º milénio AC na área geográfica que estudámos. São apenas um exercício interpretativo baseado na prospecção até hoje efectuada e nos sítios que têm sido intervencionados. A base de trabalho desta categorização foi a Base de Dados anteriormente referida conjugada com o intenso trabalho de campo. Esta relexão começou por ser feita durante a preparação de um trabalho académico e foi evoluindo ao longo dos últimos anos, acompanhando a experiência das intervenções arqueológicas continuadas na região. Quais são então as categorias consideradas?

O gráfico da figura 7 relecte as categorias identificadas e a sua distribuição. É importante referir que deste universo de 112 sítios apenas 17 foram objecto de intervenções arqueológicas cuja publicação nos permitiu retirar informação para o presente trabalho: Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge, S. 1993 e 2005 entre outros), Castanheiro do Vento (Cardoso 2011, Vale 2012, Jorge, V. et al 2005a e b; Jorge, et al 2006, entre outros), Ribeirinha e Lapas Cabreiras (Alves et al 2016), Fumo, Ramila, Quinta da Torrinha, Bar-rocal Tenreiro e Castelo de Algodres (Carvalho 2003), Curva da Ferradura (VV.AA 1996), Vale Mateus (VV.AA 1996), Baldoeiro, (Rodrigues e Reban-da 1999), Cabeço da Mina (Sousa 1999), Freixo de Numão (Coixão 2003) e Castelo Velho da Meda, Castro de São Jorges e Castelo do Nunes (informação pessoal de António Sá Coixão).

⁶A questão da categorização dos sítios arqueológicos encontra-se já bastante discutida em publicação anterior (Cardoso 2011:396-405) tendo sido reequacionada recentemente (Cardoso 2017b). A ideia central que queremos focar relaciona-se com a importância e a necessidade de redefinição dos quadros explicativos e interpretativos vigentes e permitirmo-nos reorientações metodológicas (veja-se por exemplo Jorge, S. (1994, 1998, 2003a, 2003b e 2005).

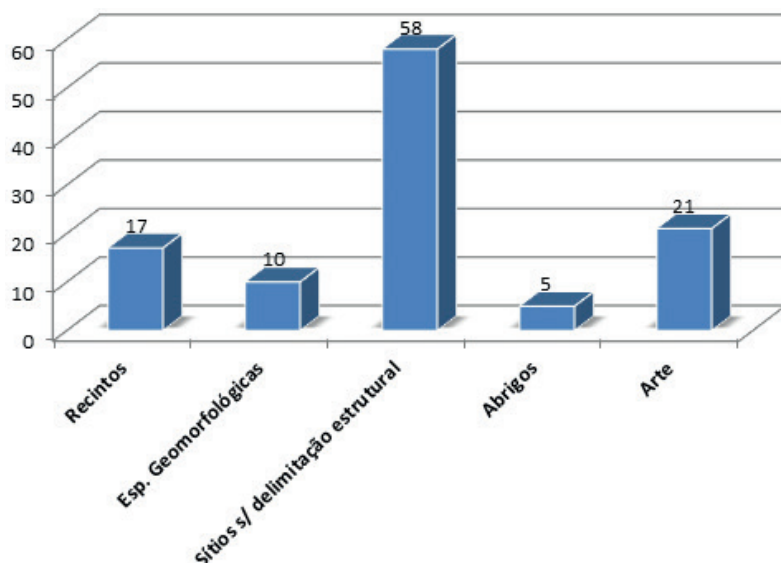


Fig. 7 – Distribuição dos sítios identificados pelas “categorias” propostas.

Esta figura representa o número de sítios identificados e transpostos para uma ficha de recolha de dados até aos trabalhos de prospecção de 2015. Desde as primeiras saídas de campo, na primeira década do século XXI até hoje, muito se evoluiu. O primeiro esboço de categorização de sítios publicado em 2007 (Cardoso, 2010) apresentava categorias diferentes, mas o contínuo trabalho de campo e a colocação permanente de questões aos dados levou-nos a reequacionar algumas das categorias e a introduzir outras novas.

Antes de passarmos às interpretações da paisagem dos 3º e 2º milénio AC será importante proceder à definição de cada uma destas “categorias”⁷:

⁷ Na definição dos parâmetros das categorias é necessário ter em conta a variabilidade do tipo de acção arqueológica que houve nos 17 sítios intervencionados. Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento foram objecto de um estudo mais circunstanciado e prolongado no tempo. Em todos os outros 15 sítios apenas foram feitas sondagens caracterizadoras da sua ocupação (Fumo, Ramila, Quinta da Torrinha, Barrocal Tenreiro, Castelo de Algodres, Ribeirinha, Lapas Cabreiras, Curva da Ferradura, Vale Mateus, Baldoeiro, Cabeço da Mina, Freixo de Numão, Castelo Velho da Meda, Castro de São Jorges e Castelo do Nunes), a indexação a determinada “categoria” apoia-se essencialmente nos trabalhos de prospecção de identificação dos sítios que tem sido melhorada com a experiência adquirida no trabalho de prospecção. É importante referir ainda que os autores que se têm dedicado a esta época cronológica, consideram apenas a existência de dois tipos de locais; “povoados” e povoados fortificados”

recintos, especificidades geomorfológicas, sítios sem delimitação estrutural, abrigos e sítios de arte.

Os recintos estão situados em topos de colinas, esporões predominantes na paisagem ou em colinas de formato circular e sub-circular. Apresentam um espaço interno, delimitado por uma ou mais linhas de murete com interrupções, passagens e “bastiões”. Em alguns deles é possível observar vestígios de estruturas ao longo das colinas em áreas próximas ao topo⁸.



Fig. 8 – Recinto de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) implantado no topo de uma colina, abarcando-a. Vista de Norte. Os vestígios de estruturas encontram-se no topo, no entanto existem alguns indícios que apontam para a sua existência ao longo de toda a área de acesso ao cimo do monte, especialmente a Este e a Sul.

⁸ Para uma definição mais pormenorizada ver Cardoso 2010:314 e seguintes.



Fig. 9 – Recinto de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), implantado num esporão, visto de Norte. Os vestígios de estruturas existiriam pelo menos, ao longo da encosta Sul.



Fig. 10 – Recinto da Quinta de Alfarela (Torre de Moncorvo), implantado numa colina de formato circular.



Fig. 11 – Recinto do Cerro do Bastião (São João da Pesqueira), implantado numa colina de formato sub-circular.

Os “Sítios sem delimitação estrutural” não apresentam estruturas de tipo positivo ou negativo (muretes, valados ou fossos) que delimitem um espaço mais ou menos concêntrico. Localizam-se, maioritariamente, em áreas abertas e estão próximos a linhas de água e/ou nascentes. Outra tendência de implantação são os fundos de vales, e as várzeas. A principal ideia relaciona-se à não existência de um espaço circunscrito bem definido, onde o sítio arqueológico se implanta. No entanto, é importante notar que em alguns casos, não existe um espaço estrutural/construtivo, mas sim parece existir uma evidência estrutural/conformativa, isto é, alguns locais estão implantados em áreas marcadas por evidências geológicas e/ou morfológicas do terreno, caso de grandes blocos de granito, ou pequenas elevações e plataformas.



Fig. 12 – Quinta do Campo (Meda). Exemplo de um local implantado numa área aberta e definido por uma pequena elevação.



Fig. 13 – Quinta dos Gamoais de Baixo (Meda). Exemplo de um local implantado em várzea, aparentemente sem delimitação estrutural.

As especificidades geomorfológicas são locais primeiro que tudo visíveis e proeminentes na paisagem. Geralmente correspondem a uma característica geológica do terreno – cristas quartzíticas como Santa Eufémia, São Martinho, São Gabriel e Seixo, ou são formações graníticas, tipo tor, caso da Senhora de Lourdes - ou colinas proeminentes de formato cónico como São Salvador do Mundo e Senhora do Viso, ou apenas grandes elevações oblongas destacadas na paisagem, como Santa Columba. Por outro lado, além do seu carácter geomorfológicamente específico possuem vestígios de ocupação. São evidências efémeras com poucos materiais e completa ausência de estruturas (pelo menos no estado actual da investigação).



Fig. 14 – Crista quartzítica de São Gabriel, vista da área central do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão.



Fig. 15 – Alto da Senhora do Viso (pequeno ponto branco central) vista de Sul, a cerca de 8 km de distância. É ainda visível o sítio de São Salvador do Mundo (seta) a 14 km.

Os abrigos são definidos por uma arquitectura natural. São espaços com área diminuta, circunscritos e até ao momento, sem estruturas. Os materiais são raros e pouco diversificados; fragmentos de cerâmica com e sem decoração, materiais líticos como lascas, percutores e em apenas um sítio, foi recolhido um machado de pedra polida.

Para definir os sítios da categoria Arte, socorremo-nos de Mário Reis; “Para definir um sítio de arte rupestre basta descobrir um só registo historiado com gravuras e/ou pinturas, independentemente de se tratar de uma rocha, placa, estela ou pedra solta” (2012:6). Este autor refere-se à “Arte do Côa”, muito mais variada e ampla na sua cronologia do que aquela que tratamos aqui. No âmbito deste trabalho, apenas acrescentaríamos a esta definição a possibilidade de alguns dos sítios de arte, também terem evidências de materialidades, caso dos abrigos.

Estando as categorias definidas, olhemos para a tabela 1.

	2007	2011	2013	2018
Recintos	26	26	17	15
Especificidades geomorfológicas	21	14	10	9
Sítios sem delimitação estrutural	41	46	39	52
Abrigos	5	9	13	4
Arte	7	5	21	20

Tabela 1. Percentagens de sítios distribuídos por categoria

As percentagens do quadro reflectem muito as orientações da prospecção de campo. O trabalho publicado em 2007, é um reflexo da metodologia de campo; prospecção orientada para especificidades geomorfológicas e para cumeadas susceptíveis de terem vestígios arqueológicos da categoria de recintos. Optou-se por cartografar alguns locais através de informação publicada. O trabalho de 2011, que serviu de base a um texto de 2013, que infelizmente apenas foi publicado em 2017, reflectem prospecções arqueológicas do território sem estarem orientadas especificamente para a geomorfologia. Incluíram-se aqui alguns sítios arqueológicos constantes da Base de Dados do Parque Arqueológico do Vale do Côa. As percentagens de 2018 contemplam os trabalhos de campo até Outubro de 2015.

Uma chamada de atenção para o valor baixo da categoria Arte em 2007. Nas primeiras versões da Base de Dados (2007, 2011 e 2013), eram contabilizados nesta categoria todos os abrigo (aqueles com materiais arqueológicos e arte, aqueles com materiais e aqueles com arte). À medida que os trabalhos de prospecção iam oferecendo sítios com arte em abrigos, ou em rochas isoladas, optou-se por colocar todos estes novos sítios, assim como os mais antigos na categoria Arte. O valor elevado dos Sítios sem delimitação estrutural, explica-se pela orientação da prospecção nos últimos anos; sempre que possível sistemática e não orientada a cumeadas e elevações.

Definimos as categorias e temos vindo a falar sobre características significativas da paisagem e sobre sítios arqueológicos. Importa agora explicitar que a reflexão que temos vindo a fazer não vê a paisagem como palimpsesto de vestígios materiais, sejam eles físicos ou produtos da acção humana. Isso seria uma visão apenas empiricista sobre aquilo que aconteceu na paisagem, vista como “(...) a history of things that have been done to the land” (Barrett, 1999:26) e não como uma reflexão sobre as pessoas que viveram naqueles lugares. Tendo por base o conceito de paisagem adotado neste trabalho vamos analisar a próxima figura.

O gráfico representado na figura 17, ao tentar ensaiar uma associação de características físicas da paisagem aos sítios arqueológicos é uma forma circunstancial de sugerir analogias entre a nossa experiência de percorrer/estar na paisagem e aquelas/outras comunidades. Não se pretende recriar nem viver o mundo do passado, mas sim encontrar formas diferenciadas de ultrapassar a apreensão visual de um território, de perceber, hoje,

os lugares e as mobilidades e reflectir sobre as possibilidades de perceber aqueles vestígios.

As paisagens não são apenas campos visuais, são habitadas com todos os nossos sentidos; o som e a força do vento e da água poderão ter tido algum tipo de papel na implantação de alguns sítios, a escolha de elementos pétreos (granito rugoso, xisto laminar, a esfericidade do quartzito) poderão igualmente ter possuído algum significado na elaboração de determinadas estruturas. Os sentidos existem como aspectos de funcionamento de um corpo na sua totalidade e em movimento, funcionando em conjunto na acção do seu envolvimento com o mundo e não como registos distintos objectivando processamentos cognitivos (Merleau-Ponty 1945: 240-280, Gibson 1986, Ingold 2000: 243-268).

No entanto assume-se uma certa primazia dada à visão neste gráfico, será uma primazia aparente de carácter metodológico, pois ao olharmos uma determinada paisagem, ao relacionarmos sítios com características do terreno, ao relacionarmos sítios com outros sítios, colocamos nesse espaço caminhos, passagens, linhas que não colocam a visão como experiência central; os sons, as texturas, os cheiros, os sabores, a memória e as biografias poderiam ser, igualmente, determinantes para habitar uma paisagem, para a percorrer.

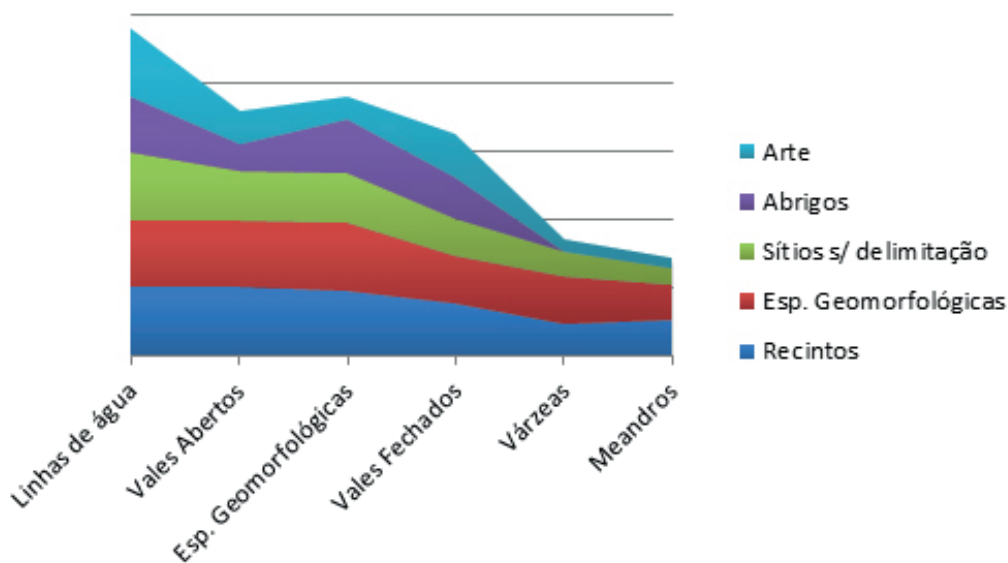


Fig. 16 – Categorias de sítios e sua associação ao terreno.

Ao tentarmos comparar a categoria dos sítios arqueológicos com características físicas do terreno, e tendo em conta a existência de alguma discrepância dos totais que utilizamos⁹, optámos por transformar esses dados absolutos em percentagens, para estatisticamente, tentarmos ultrapassar os valores mais elevados em comparação com os valores mais baixos. A leitura deste gráfico é relativamente simples. Quanto mais homogênea for a barra de cada categoria, maior homogeneidade poderão ter com a paisagem, independentemente da sua horizontalidade.

Olhando para o gráfico, impõe-se algumas observações:

a) Os recintos demonstram uma grande homogeneidade à escala de uma paisagem visível. Abarcam quase por igual todas as características do terreno; os meandros relacionam-se a 53%, os fechados a 76% e apenas as várzeas não atingem os 50% (47%). Destacam-se as linhas de água, as especificidades geomorfológicas e os vales abertos, relacionadas a 100%. A uma macro análise podemos referir que os recintos estão perfeitamente instalados numa paisagem. O que se vê *daqui* [recintos] e o que está *ali*, são complementares.

b) Nas especificidades geomorfológicas a situação é muito semelhante. Todas as categorias analisadas têm uma percentagem alta; linhas de água, vales abertos e especificidades geomorfológicas a 100%, vales fechados e várzeas a 70%. A relação com a paisagem é igualmente englobante, mas aqui a relação é diferente. A visibilidade da categoria “especificidade geomorfológica com ocupação” e outros sítios existe mas é sempre indistinta. A implantação desses locais é observada, mas não perceptível.

c) Os sítios sem delimitação estrutural parecem ter outro tipo de sentido na paisagem. A sua implantação não parece obedecer a características englobantes, mas sim a opções mais específicas. A implantação de cada um destes sítios poderá estar relacionada a acções concretas na paisagem. Se excluirmos as linhas de água que se relacionam a 100%, apenas as especificidades geomorfológicas se relacionam a 74% e os vales abertos a 71%. Todas as outras características possuem valores mais baixos; meandros a 26%, vales fechados a 57% e várzeas a 36%.

⁹ Como por exemplo, o total de sítios sem delimitação estrutural é 58 e o total de especificidades geomorfológicas com ocupação é 10.

d) O total de abrigos até agora cartografados é de 5, o que invalida uma análise de carácter estatístico precisa. Tendencialmente os valores de relação entre eles e características do terreno são baixos. É importante referir que os abrigos que possuem arte, foram indexados à categoria Arte.

e) Os sítios com arte apresentam uma variabilidade de implantação considerável. Como as outras categorias, estão relacionados com linhas de água a 100%, mas as outras características do terreno encontram-se com percentagens baixas; meandros 14%, várzeas 19%, especificidades geomorfológicas 33% e vales abertos a 48%. Apenas os vales fechados sobem acima dos 50% (62%).

Deixemos por enquanto estas categorias e características do terreno e olhemos para o sítio que potencia este trabalho: Castelo Velho de Freixo de Numão¹⁰.

Castelo Velho de Freixo de Numão implantado num esporão, encontra-se voltado a Sul dominando visualmente o vale da Ribeira do Vale da Vila. O seu ângulo de visão está delimitado. Toda a área Norte está truncada por um conjunto de elevações mais altas. O sítio, para Sul, Este e Oeste domina uma vasta área, onde sobressaem especificidades geomorfológicas; São Gabriel, Seixo, a Serra da Marofa e o Facho. À excepção do Facho, um monte cónico xistoso e sem materialidades, todas as outras especificidades são cristas quartzíticas, impositivas na paisagem. Por outro lado, neste cenário visual de Castelo Velho de Freixo de Numão, São Gabriel parece deter um papel específico, já referido por Susana Soares Lopes, que na altura assinava como Susana Jorge:

“Esta elevação [São Gabriel] de 652 m de altitude absoluta, encontra-se precisamente no eixo médio do referido ângulo de visão, [entre os montes localizados a nordeste e o Facho localizado a sudoeste] tornando-se, devido à topografia envolvente, no elemento polarizador desta cenografia natural, Castelo Velho “olha” o Monte de São Gabriel, elemento físico incontornável do alto do “monumento”. Olha-o, diga-se, de uma altitude ligeiramente superior” (Jorge, S.O., 2005:144).

¹⁰ A reflexão que se segue, parte de um trabalho de campo constante, feito nesta paisagem, desde 2005. Algumas das observações aqui produzidas já foram objecto de publicação em 2011. Outras foram revistas tendo em consideração o intenso trabalho de campo efectuado entre 2011 e 2016.

Intervisibilidades entre Castelo Velho de Freixo de Numão e outros sítios, que não as especificidades geomorfológicas com ocupação (São Gabriel e Seixo), não existem. Para “olhar” para outro recinto como Castanheiro do Vento teríamos de nos afastar do espaço circunscrito pelos muretes de Castelo Velho de Freixo de Numão e mesmo assim a intervisibilidade é opaca e difusa¹¹. Apenas apontamos o local, relacionando-o com a Senhora do Viso. Sem intervisibilidades, mas com um tipo de relação mais directa, como a proximidade, temos Freixo de Numão e Vale Minhoto (loais onde foram recolhidos, algumas materialidades atribuíveis ao 3º milénio AC.

Outro ponto de reflexão importante tem a ver com linhas de mobilidade. Castelo Velho de Freixo de Numão parece ter uma conectividade precisa com linhas de mobilidade: o Vale da Vila onde se estabelece um curso de água bastante pequeno que desagua no rio Douro, numa área precisa de confluência entre este rio, o rio Sabor e precisamente a ribeira do Vale da Vila. Este ponto preciso, representa verdadeiramente uma confluência de linhas de mobilidade, uma paisagem de visibilidade aberta e precisa. Corresponde geologicamente, à falha Vilariça-Longroiva, que deu origem aos vales depressionários extremamente férteis que caracterizam parte desta paisagem.

Se associarmos as linhas de horizonte e especificidades geomorfológicas a Castelo Velho de Freixo de Numão, temos a Este, São Gabriel e Seixo. O primeiro poderá remeter-nos para toda a área do vale do Côa, o segundo parece encaminhar-nos para o planalto entre o rio Côa e a ribeira de Aguiar. A Este, o Facho, domina o planalto de Freixo de Numão (onde está Vale Minhoto), o vale da Ribeira da Teja, embora indistinto, e uma conexão visual com a Senhora do Viso. A Norte, as visibilidades truncadas, sendo restritivas, acentuam a ideia de condicionar o nosso “olhar” para determinadas áreas: primeiro o vale da Ribeira do Vale da Vila; segundo a planície amesetada de Vila Nova de Foz Côa que representa o degrau mais ocidental da meseta; terceiro a fissura provocada pelo vale do rio Côa e quarto a grande extensão da meseta entre este último rio e a ribeira de Aguiar já indistinta (Fig. 18).

¹¹ Esta visibilidade é opaca e difusa, olhando para o cerro onde se encontra Castanheiro do Vento. Se colocarmos a hipótese da existência de muretes altos, ou de outras estruturas erguidas, a opacidade transformar-se-ia numa outra realidade mais visível, mesmo tendo em conta o coberto arbóreo.

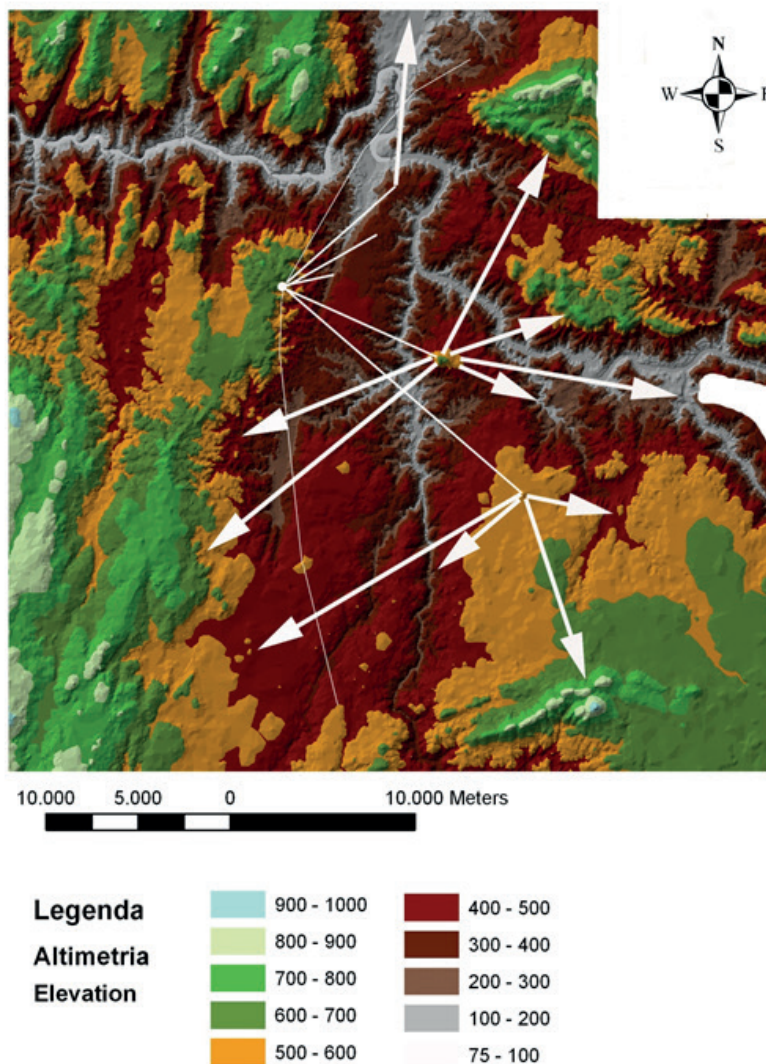


Fig. 17 – Cartografia de visibilidades de Castelo Velho de Freixo de Numão (pequeno ponto branco situado a Oeste no mapa). O ponto central corresponde ao monte de São Gabriel e a área de dispersão de setas a Sudeste corresponde a Seixo. O traço mais fino representa as visibilidades possíveis. O traço mediano representa as visibilidades imediatas para características do terreno e sítios arqueológicos. As setas representam conectividades visuais para linhas de horizonte e territórios mais vastos (O tratamento vectorial deste mapa foi elaborado por Gonçalo Leite Velho, a quem agradecemos).

Esta figura tenta cartografar as visibilidades de Castelo Velho de Freixo de Numão conectadas a um determinado espaço. Por um lado acentua a área visível de um observador que circula pelo sítio arqueológico representada pelo traço mais fino. Esta área inclui toda uma panóplia de vistas; planos de paisagem diversos com características diferenciadas (planícies, entalhes de rios, especificidades geomorfológicas). A análise proporcionada por este segmento de linha, cartografada num mapa remete-nos para uma paisagem estática e meramente bidimensional. Adicionando a esta análise as linhas médias que cartografam a visibilidade para sítios arqueológicos (Castelo de Foz Côa, São Gabriel e Seixo) e características específicas do terreno (degrau mais ocidental da meseta e o vale da Ribeira do Vale da Vila), acentuamos a implantação geomorfológica de Castelo Velho de Freixo de Numão, e a sua relação a outros sítios, mas continuamos a olhar para sítios fixos e novamente bidimensionais.

Um terceiro nível de reflexão, representado no mapa pelas setas remete-nos para as linhas de horizonte desses sítios arqueológicos e para tudo o que a paisagem comporta quer entre Castelo Velho de Freixo de Numão e Castelo de Foz Côa, São Gabriel e Seixo, quer entre estes sítios e o seu horizonte. Estas relações transformam este espaço em paisagem.

Transformam porquê? Porque colocam no terreno pontos de observação. Pontos dinâmicos e móveis, pontos constituintes de linhas de mobilidade, tornando-se pontos de observação sucessivos. Um ponto existe num espaço abstracto, mas um ponto de observação existe num espaço ecológico, existe num meio e não num vazio (Gibson 1986:65), consistindo em localizações e posições sucessivas. Estas linhas implicam assim um caminho de observação, que não é apenas um percurso, é também um sistema de visibilidades, oclusões, cheiros, sons, texturas constantemente diferentes, sempre em constante alteração, com elementos mais perenes e outros efémeros. A mobilidade comporta várias dimensões de visibilidade; a variação produzida ao longo de um ano pela folhagem das árvores, o que não se vê na Primavera e no Verão e torna a ver-se no Outono e no Inverno; a visão topográfica é alterada, não só com as folhas de árvores como com o crescimento da vegetação; os cheiros e texturas alteram-se sazonalmente com as árvores, plantas e animais, assim como os sons produzido pelo vento, pelos cursos de água, e pelos próprios homens e animais. As linhas de mobilidade e consequentemente os pontos de observação tornam-se acções com um determinado tempo, tornam-se temporais.

As linhas de horizonte também se tornam dinâmicas. Não são visibilidades longínquas, ou seja, aquilo que se vê ao longe. São a linha que separa as montanhas, as colinas, os vales, os rios, do céu. São as linhas onde as superfícies deixam de ser vistas, o que é diferente de não serem vistas. O local onde estamos condiciona a percepção do horizonte que se torna móvel.

“Para alterar a linha do horizonte, basta mudar de local, ao subir uma colina, a percepção da linha de horizonte altera-se (Gibson 1986:164). A percepção do aqui, e a percepção do distante, assim como do distante daqui, está relacionada. O horizonte não é uma linha estática, nem definida, é um conjunto de pontos observados, que se altera constantemente, não só através da mudança de local de observação, como através das condições meteorológicas nesse momento; a chuva, o nevoeiro, o sol forte condicionam a observação da linha de horizonte” (Cardoso 2010:316).

O sítio de Castelo de Foz Côa remete as suas linhas de horizonte para Norte, para a depressão da Vilariça. São Gabriel tem uma visibilidade e, por vezes, intervisibilidade com áreas mais vastas: a Serra de Reboredo, na margem Norte do rio Douro; os cerros que delimitam o entalhe daquele rio, a Norte, e a fissura provocada pelo Douro, assim como as fissuras da Ribeira de Aguiar e, muito indistinto, o corte no terreno do Rio Águeda, para Sudoeste abarca a encosta Oeste da depressão de Longroiva. O Seixo abarca uma área considerável da zona Sul do vale da Ribeira de Aguiar, muito amplo e aberto, a Serra da Marofa, o entalhe do rio Côa e paisagens indistintas da encosta Oeste da depressão de Longroiva.

Enquanto o Castelo de Foz Côa está implantado numa elevação no rebordo Sul do entalhe do Rio Douro, São Gabriel e Seixo são especificidades geomorfológicas impositivas. As ideias que gostaríamos de transmitir acentuam a importância destas especificidades. Parecem ter um significado amplo na paisagem. Impõe-se, mas não como limites ou fronteiras de um “território”¹², nem como

¹² Este “território” tem apenas uma fronteira; aquela que é imposta pela investigação. Outras fronteiras que surjam serão sempre instrumentos de análise, a serra da Marofa, a Senhora do Viso, São Gabriel, o Rio Douro, a Ribeira do Vale da Vila, a depressão de Longroiva, por exmplo. Estas características do terreno, enquanto reflexão, não segmentam a paisagem porque são constitutivas dela própria: “(...) i tis important to note that no feature of the landscape is, of itself, a boundary. It can only become a boundary, in relation to the activities of the people (or animals) for whom i tis recognised or experienced as such” (Ingold 2000:192-193).

centros “territoriais” à volta dos quais estas populações se movimentavam e o habitavam, mas como elementos que convergem, elementos integradores e integrados nessa paisagem.

Estas especificidades polarizam áreas geográficas de maneiras diversas: por vezes impositivas como São Gabriel, em relação a Castelo Velho de Freixo de Numão, como a Senhora do Viso, em relação a Castanheiro do Vento ou como São Martinho, em relação ao Cerro do Bastião; por vezes longínquas e menos impositivas, como a Senhora do Viso para Castelo Velho do Souto, São Gabriel para Montes e São Martinho para a Pitanceira. Segundo os pontos de observação e os diferentes espaços percorridos, estes lugares vão-se tornando “móveis” num duplo sentido; por um lado são móveis porque têm sempre “vistas” diferentes consoante o nosso ponto de observação e consoante as horas do dia, as estações do ano e as condições atmosféricas, por outro lado são móveis porque essa paisagem é habitada, é percorrida continuamente.

Estes sítios arqueológicos que são igualmente especificidades geomorfológicas existem numa paisagem em constante movimento devido à constante mobilidade que se vai estabelecendo, que vai tecendo sítios e lugares. Desta forma não os podemos considerar como “centros”, ou “fronteiras”, terão sido, provavelmente, lugares significantes numa paisagem que ao longo do 3º milénio A.C. se ia revelando como identitária de uma comunidade.

Mas, e todos os outros locais, os recintos e os sítios sem delimitação estrutural, que características terão que possamos acrescentar a esta reflexão.

Como já referimos, no tempo longo todos os locais onde estes sítios se implantaram possuem materialidades que podemos indexar ao 3º milénio e à primeira metade do 2º milénio A.C. Aliás um trabalho sobre paisagem e sobre sítios arqueológicos que surgem, desaparecem e se mantêm ao longo de cerca 1500 anos, só pode ser pensado no tempo longo. Tendo em consideração que apenas 17 sítios foram objecto de intervenções arqueológicas, e mesmo assim bastante desiguais, e que os outros sítios apenas foram prospectados com o objectivo de preenchimento de um questionário à paisagem, não podemos aferir cronologias finas, nem continuidades ou descontinuidades de pormenor.

O regime interpretativo que temos das escavações efectuadas em Castelo Velho de Freixo de Numão e em Castanheiro do Vento, que se consubstancia

em inúmeras materialidades (cerâmica, elementos pétreos, estruturas, entre outras) pode encaminhar-nos para outras reflexões e para um conhecimento do terreno que nos permitirá, não construir “modelos de ocupação do espaço/território”, aferindo contemporaneidades entre sítios, mas, considerando o tempo longo, reflectir sobre comunidades que ao longo de 1500 anos habitaram uma paisagem. Provavelmente alguns destes sítios terão sido coevos, outros não, provavelmente alguns destes sítios terão tido uma vivência longa e internamente transformadora, outros terão sido efémeros, no entanto no estado actual da investigação, não seria correcto trabalharmos sobre cronologias mais particulares.

Sabemos no entanto que definimos um espaço geográfico de trabalho, uma temporalidade de reflexão e conhecemos materialidades associadas quer a esse espaço, quer a essa temporalidade. Esta variabilidade de escalas é a nossa escala de análise. Uma análise desigual, com diferentes dinâmicas e distintas interações. Apenas um denominador comum atravessa todas estas escalas; os sítios e as suas implantações na paisagem. Voltemos assim aos sítios.

Considerando os sítios categorizados como recintos existe uma clara predominância dada às questões de visibilidade e/ou intervisibilidade. Todos eles apresentam características que lhes permite tornarem-se visíveis num determinado espaço. O grau de visibilidade é no entanto variável. Existem sítios que podem ser “olhados” a grandes distâncias tornando-se realidades quase impositivas, tal é o caso de Montes, Castanheiro do Vento e Calábria. Existem outros sítios que estão como que debruçados sobre paisagens específicas, como é o caso de Castelo Velho de Freixo de Numão sobre o vale da Ribeira da Vila; Alto da Lamigueira sobre o vale depressionário de Longroiva; a Quinta de Alfarela sobre a depressão da Vilarça. Existem, ainda outros, que embora possuindo um grau de visibilidade longínquo, apenas se tornam polarizadores ao “olhar” em áreas muito precisas. Tal é o caso do Castelo Velho da Meda através da ribeira da Concelha; de Castelo Velho do Souto através do rio Torto e da Zaralhôa através da ribeira da Teja.

Outra característica que nos parece marcante relaciona-se com o domínio visual destes sítios. Cerca de dois terços dos sítios possuem uma amplitude visual de cerca de 180 graus. Todos eles estão conectados a características específicas do terreno, como é o caso de vales abertos e fechados. Todos visualizam especificidades geomorfológicas, mas muitos não têm intervisibilidade. No entanto todos eles possuem intervisibilidades com pelo

menos um outro recinto. Por último, desfrutam de paisagens indistintas ou abstractas com áreas onde estão localizados outros sítios que não são recintos. Todos os recintos estão conectados a linhas de água importantes, mas apenas três se relacionam directamente com o Rio Douro; Quinta da Alfarela, Pitanceira e Quinta da Abelheira.

Dentro desta variabilidade de lugares, mas com uma certa homogeneidade de implantações, como poderemos pensar os outros sítios, aqueles aparentemente não murados e não implantados em locais impositivos e destacados na paisagem?

Os sítios sem delimitação espacial são a maioria no nosso universo de análise. Cerca de um terço, caracterizam-se por terem uma visibilidade próxima mas ao mesmo tempo, abrangente, poucas intervisibilidades e estão todos implantados em áreas próximas de grandes vales abertos e de várzeas. Tal é o caso de Curral da Pedra, do Fumo e da Quinta do Campo. Todos eles estão relacionados com especificidades geomorfológicas, quer directamente, quer na linha do horizonte. Os restantes possuem uma visibilidade ampla para áreas específicas como vales ou rios e ribeiros, e truncada para a restante paisagem, poucas intervisibilidades e, ao contrário dos lugares anteriores, as especificidades geomorfológicas dominam o seu horizonte. Falamos de sítios como Barrocal Tenreiro, Salto do Boi e Vale Minhoto.

Outra característica são as linhas de mobilidade na área imediata a estes sítios. Estas parecem estar directamente associadas ao próprio sítio, pois o campo de visão imediato é restringido. Apenas as linhas de horizonte parecem “relembrar” o território onde estes sítios estão implantados, essencialmente, através das especificidades geomorfológicas visíveis, como é o caso de São Gabriel para o Fumo e Castelos (Santa Comba); de Santa Columba para Lapas e de Curral da Pedra e a Serra da Marofa (como horizonte longínquo) para três sítios: Barrocal Tenreiro, Castelos (Santa Comba) e Quinta do Campo.

Parte das observações efectuadas em 2010 e 2017 mantêm-se. As implantações destes sítios, assim como as suas (inter)visibilidades são bastante diversas. As linhas de mobilidade destes locais são feitas através de várzeas, vales abertos e junto ao leito de rios. A sua localização parece transformar a paisagem num fenómeno em transformação; aparecimento e abandono de sítios e persistências de ocupação em outros.

6. REFLEXÕES FINAIS

Que reflexão final poderá ser feita, tendo em consideração o que foi escrito, que relações poderemos encontrar em todos estes sítios? Que dinâmicas existem? Poderemos falar de dinâmicas estruturantes de um território? Não nos podemos esquecer que falamos de sítios. Sítios onde acções aconteceram e que nos remetem para a existência de uma qualquer matriz de sociabilidades, sítios onde a arquitectura acontece e faz parte integrante do lugar e existe completamente integrada na paisagem. A materialidade da arquitectura é a materialidade da paisagem, é uma nos seus materiais e nas acções de movimentação nos sítios e movimentação na própria paisagem.

Uma ideia fulcral parece relacionar-se com a própria paisagem. Esta constitui-se através de intersecções, de continuidades e rupturas. Intersecções de linhas de mobilidade, de linhas de horizonte, de visibilidades e intervisibilidades. É constituído um novelo de intersecções na paisagem. Este novelo corresponde ao habitar efectivo desta paisagem, corresponde à sua apreensão. Ao reflectirmos sobre um determinado espaço onde a mobilidade é prática sistemática, a paisagem torna-se viva, os sítios arqueológicos, os pontos nos mapas, tornam-se activos, dinâmicos, ganham dimensão. A paisagem é constituída por vales amplos, várzeas, planaltos, vales exíguos, leitos de rio encaixados. Aqui cada visibilidade ou vista¹³ é única, podendo constituir-se em sítios em lugares com sentido. É através da mobilidade que apreendemos uma paisagem, que percebemos o que vimos e o que sabemos o que iremos ver.

A percepção do mundo incorpora a percepção do lugar onde se está, onde se habita, onde a “vivência” acontece. A percepção é o envolvimento directo com os lugares e esse envolvimento toma a forma de comprometimento contínuo com esses lugares¹⁴. Aquele que percebe está imerso no mundo. Os sítios e as mobilidades são experiências corporais, não podem existir separados, coexistem num espaço (geográfico) e são habitados¹⁵, são paisagem.

¹³ “An alley in a maze, a room in a house, a street in a town, and a valley in a countryside each constitutes a place, and a place often constitutes a vista (Gibson 1966:206), a semienclosure, a set of unhidden surfaces” (Gibson 1986:198).”

¹⁴ “Le corps est notre moyen general d’avoir un monde” (Merleau-Ponty 1945:171).

¹⁵ “(...) a consciência de um lugar é sempre uma consciência posicional.” ((Merleau-Ponty, citado por Montaner 2001:37)

Um dos sentidos da paisagem reflecte então as relações sociais com os outros e com os lugares que habitamos. Desta forma, sugere-se que os diversos lugares de habitação de um espaço, não são apenas os sítios: os recintos; as especificidades geomorfológicas com vestígios de ocupação; os sítios sem delimitação estrutural; os abrigos e os lugares com arte. Terão sido todos, num processo constante de incorporação de uma comunidade numa paisagem e em todas as acções praticadas por essa comunidade. Todos os actuais sítios arqueológicos estão imersos no mundo, não opostos ou separado dele. Igualmente as comunidades estão imersas no mundo, não opostas ou separadas dele, isto é, os sítios são lugares habitados, vivenciados, percebidos por comunidades que continuamente se movimentam e apreendem um território. Assim poderemos olhar para os sítios como acções dinâmicas e não pontos fixos. Na sua implantação geomorfológica são criadas oposições entre vistas abertas e fechadas, entre horizontes planálticos e vales abertos ou horizontes cortados por montanhas e vales fechados. São criadas rupturas ao olhar, assim como existem planos de paisagem abertos e longínquos, a própria implantação destes sítios existe em perfeita interrelação com o mundo físico, tornando-se assim, paisagem. A implantação dos sítios e a consequente ocupação de espaços diferenciados assim como a mobilidade entre eles e no território constituem a dinâmica da paisagem. Esta dinâmica com as suas continuidades e rupturas estaria em constante estruturação. As continuidades podem observar-se em sítios como Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento, com a sua longa diacronia, e as rupturas podem-se associar a outros sítios com uma diacronia menor.

Podemos ainda relacionar as continuidades e rupturas com a prática da arquitectura e com as materialidades usadas na elaboração e conformação dos sítios. Castelo Velho de Freixo de Numão possuiria um papel integrador/integrado nessa paisagem (assim como todos os sítios), mas operando a diversas escalas, a diversos sentidos, a diversas temporalidades. A temporalidade agora, adquire um papel importante. Falamos de um tempo longo, cartografamos pontos que representam tempos específicos (de curta, média e longa duração), cartografamos pontos que sofreram intensos processos pós-deposicionais, cartografamos pontos que continuamente são envolvidos em processos de transformação. O quadro interpretativo sob o qual podemos reflectir não envolve a descoberta do passado como foi. Então questionamos: o que foi Castelo Velho de Freixo de Numão inserido nesta paisagem

de pontos cartografados? A paisagem deste sítio terá sido feita de múltiplos passados, de várias dinâmicas constitutivas de si próprio. A sua própria temporalidade foi-se transformando. Teremos de perceber o sítio através do seu uso, reuso e transformações, das suas relações com a paisagem e com os outros sítios nessa paisagem. É um processo dinâmico, não linear, nem acumulativo. É um processo interpretativo que passa pelos dados do registo arqueológico, ele próprio dinâmico (Lucas 2005:53).

Tendo em conta os dados disponíveis poderemos sugerir que Castelo Velho de Freixo de Numão, e provavelmente a maior parte dos recintos, parecem ter desempenhado um conjunto variado de papéis, no tempo longo, mas constituindo-se como estruturantes no seio das comunidades e estando integrados em acções nas quais elas se identificam. Castelo Velho de Freixo de Numão parece ter-se tornado um “lugar persistente” (Pollard 2000) ao longo do 3º milénio AC sendo imanente às comunidades que constantemente o elaboravam, configuravam e reconfiguravam.

Neste papel de múltiplos passados, os recintos e Castelo Velho de Freixo de Numão, em particular, pelo menos ao longo do 3º milénio AC, adquirem um papel de carácter mais identitário, onde o trabalho de configuração, de manutenção do lugar, acontece, onde as tarefas são temporais, onde um viver mais episódico envolve um tempo específico e esse lugar específico, onde a conformação do sítio pode prefigurar memórias sociais e relações de sociabilidade. Onde a própria arquitectura do sítio extravasa para a paisagem tornando-se ela própria paisagem. E isto porque os próprios elementos configurativos do sítio são a paisagem: os elementos pétreos (xisto, granito, quartzo e quartzito); a terra; a água; a madeira de árvores e arbustos. Todos estes elementos coexistem num processo de interligação, moldando continuamente o sítio em acções concretas: o talhe da pedra; o trabalho da madeira; a estruturação de uma lareira. Estes elementos constituintes e configuradores dos sítios têm que ser considerados num âmbito diferente de simples “materiais de construção”. A pedra, a terra, a madeira e a água são tão artefactos como os fragmentos cerâmicos e materiais líticos usados em acções configurativas do sítio (Cardoso 2010:229-236). Esta prática de configuração, que em si é arquitectura, opera a uma escala da paisagem. Essa paisagem seria constantemente percorrida, habitada. As linhas de mobilidade, desempenhariam um papel que iria além das simples redes de percursos, pois o que se torna marcante são as linhas entre todo o tipo de sítios, as linhas

de horizonte sempre diferente, linhas que formariam um “rendilhado” da paisagem. A paisagem não era constituída por sítios e redes de percursos entre eles, mas sim por esse “rendilhado” amplo e sistematicamente percorrido por caminhos sistemáticos, mas também não determinados (Cardoso 2010 e 2017a).

Os sítios, a sua arquitectura, não são fixos e bidimensionais, pois a “construção” do lugar não é a acção em si, os sítios, a sua arquitectura estão em constante elaboração, conformação, em interacção com o mundo habitado.

Castelo Velho de Freixo de Numão terá que ser olhado como um sítio que entre outros papéis, seria, simultaneamente, um lugar integrado numa paisagem e integrador de uma paisagem complexa e dinâmica, composta por outros sítios, lugares e espaços entre eles, que com o evoluir da investigação e com novas intervenções arqueológicas se poderão perceber e particularizar como diferentes perspectivas de habitar a paisagem.

Agradecimentos

A reflexão feita neste texto partiu de um trabalho de campo financiado pela FCT através de uma bolsa de estudo de pós-doutoramento com a referência SFRH/BPD/66437/2009. A figura 2 é da autoria de Sofia Lacerda. Quer à FCT, quer à Sofia, os meus agradecimentos. Quero agradecer ainda ao revisor as críticas construtivas que em muito melhoraram o texto.

BIBLIOGRAFIA

- Alves, L. B.; Cardoso, J. M.; Reis, M., Carvalho, B. 2014. ART-FACTS: Uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa. *Côa*, 16, 101-106
- Aubry, Thierry, Carvalho, A. M. 1998. O povoamento pré-histórico do Vale do Côa, síntese dos trabalhos do P.A.V.C. (1995-1997), *Côa*, 0, 23-34.
- Barker K. e Darvill, T. 1997. Introduction: landscape old and new, *Making English landscapes*, Oxbow, Oxford, 1-8.
- Barrett, John, C. 1999. Chronologies of Landscape, ed. P. Ucko & R. Layton. *The Archaeology and Anthropology of Landscape*. London. Routledge. 21-30.
- Basso, Keith, 1996. Wisdom Sits in Places: Notes on a Western Apache Landscape, *Senses of Place*, ed. Steven Feld e Keith Basso, Santa Fé, New Mexico, School of American Research Press, 53-90.

Bender, Barbara, 1999. *Stonehenge: Making Space*, Oxford e New York, Berg.

Bradley, Richard 1998. *The Significance of Monuments: On the Shaping of Human Experience in Neolithic and Bronze Age Europe*, London, Routledge.

Cardoso, João Muralha 2010. *Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa), Um Recinto Monumental do 3º e 2º milénio a.C.: Problemática do Sítio e das suas Estruturas à Escala Regional*, Maiorca, Vessants Arqueologia i Cultura.

Cardoso, João Muralha 2017a. Lets walk on the wild side. Comparing sites in the landscape, ed. A. Vale, G. Rovira & J.Alves. *Rethinking Comparison in Archaeology*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, 108-128.

Cardoso, João Muralha 2017b. Ao longo da paisagem: o Alto Douro no 3.º milénio AC. Espaços temporários e mobilidades, ed. D. Cruz, *Actas da Mesa-Redonda A Pré-história e a Proto-história no centro de Portugal*, realizada em Mangualde em Novembro de 2011, 1-32.

Carvalho, António Faustino 1999. Os sítios de Quebradas e da Quinta da Torrinha (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1, 2, 39-70.

Carvalho, António Faustino 2003. O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 996-2000), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6, 2, 229-273.

Carvalho, António Faustino 2004. O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do PAVC), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7, 1, 185-219.

Coixão, António do Nascimento Sá 1996. *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, Vila Nova de Foz Côa, Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa.

Coixão, António do Nascimento Sá 1999. *A ocupação humana na Pré-história recente na região de entre Côa e Távora*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

Coixão, António do Nascimento Sá 2003. Novos Dados para o Estudo do Povoamento da Actual Área Urbana de Freixo de Numão-Da Pré-história aos Nossos Dias, *Côavisão*, 3, 45-52.

Coixão, A., Cruz, A., Simão, P. 2009. *Carta Arqueológica do Concelho da Mêda*, Coimbra, Câmara Municipal da Mêda.

Cosgrove, Dennis 1993. *Landscape and myths, gods and humans, Landscape, politics and perspectives*, ed. Barbara Bender, Oxford, Berg, pp. 281-305.

Darvill, T. 1997. Landscape and the archaeologist, *Making English landscapes*, Oxford, Oxbow, pp. 70-91.

David B. e Thomas, J. 2010. *Handbook of Landscape Archaeology*, ed. Bruno David e Julian Thomas, Walnut Creek, Left Coast Press.

Ferreira, António e Brum, (1978), *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira, Estudo de Geomorfologia*, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, nº 4, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos.

Gibson, James J. 1986. *The Ecological Approach to Visual Perception*, London, Lawrence Erlbaum associates, publishers.

Gramsch, A. 1996. Landscape archaeology: of making and seeing, *Journal of European Archaeology*, 4, 19-38.

Harmansah, Omur, 2014. Introduction: Towards an Archaeology of Place. *Rocks and Water*, ed. Omur Harmansah. Oxford. Oxbow Books.

Ingold, Tim 2000. *The Perception of the Environment, Essays in livelihood, dwelling and skill*, Londres, Routledge.

Jorge, Susana Oliveira 1993. O Povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-história recente do norte de Portugal, *Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular*, 33, 1-2, Porto, Sociedade Portuguesa da Antropologia e Etnologia, 179-216.

Jorge, Susana Oliveira 1994. Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do calcolítico peninsular, *Separata da Revista da Faculdade de Letras*, II Série, XI, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 447-546.

Jorge, Susana Oliveira 1998. Castelo Velho de Freixo de Numão (V^a N^a de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação, *Estudos Pré-históricos*, VI, Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior (Tondela, 21 a 23 de Novembro de 1997), Viseu, Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, 279-294.

Jorge, Susana Oliveira 2003a. Pensar o espaço da Pré-História recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, *Recintos Murados da Pré-história Recente*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, 13-50.

Jorge, Susana Oliveira 2003b. Cenografias monumentais pré-históricas: tópicos para uma reflexão, *Arquitectando Espaços: da Natureza à Metapolis*, Porto/Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, 63-84.

Jorge, Susana Oliveira 2005. *O Passado é Redondo, Dialogando com os Sentidos dos Primeiros Recintos Monumentais*, Biblioteca de Arqueologia, Porto, Edições Afrontamento.

Jorge, V., Cardoso, J.M., Pereira, L., e Coixão, A. 2002a. Castanheiro do Vento, um sítio monumental pré-histórico do Concelho de Vila Nova de Foz Côa (Horta do Douro), *Côavisão*, 4, 73-93.

Jorge, V., Cardoso, J.M., Pereira, L., e Coixão, A. 2002b. Castanheiro do Vento and the significance of monumental Copper/ Bronze age sites in northern Portugal, *Monuments and Landscape in Atlantic Europe*, ed. C. Scarre, Londres, Routledge, 36-50.

Jorge, V., Cardoso, J.M., Pereira, L., e Coixão, A. 2003a. O Recinto Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): balanço sucinto das pesquisas realizadas de 1998 a 2003, *Portugália*, Nova Série, XXIV, Porto, DCTP, FLUP, 5-24.

Jorge, V., Cardoso, J.M., Pereira, L., e Coixão, A. 2003b. Campanha de escavações arqueológicas no ano de 2002 no sítio do Castanheiro do Vento Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa, *Côavisão*, 5, 99-132.

Jorge, V., Cardoso, J.M., Pereira, L., e Coixão, A. 2003c. Castanheiro do Vento, a late prehistoric monumental enclosure in the Foz Côa region, Portugal – recent research (1998-2002); *Journal of Iberian Archaeology*, 5, 137-149.

Jorge, V., Cardoso, J.M., Pereira, L., e Coixão, A. 2003d. A propósito do recinto monumental de Castanheiro do Vento (V^a N^a de Foz Côa), *Recintos Murados da Pré-História Recente*, Porto/ Coimbra, FLUP-DCTP e CEAUCP-FCT, 79-114.

Jorge, V., Muralha, J., Pereira, L., Vale, A. e Coixão, A. 2005. Morfologia Construtiva do Recinto pré-histórico de Castanheiro do Vento, (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): o exemplo das convencionalmente designadas “estruturas de condenação”, *Almadan*, II série, 13, 25-35.

Knapp, Bernard e Ashmore, Wendy 2000. Archaeological Landscapes: Constructed Conceptualized, Ideational, *Archaeologies of Landscape*, Contemporary Perspectives, ed. Wendy Ashmore e Bernard Knapp, Oxford, Blackwell Publishers, 1-32.

Lucas, Gavin. 2005. *The Archaeology of Time*. London. Routledge.

Massey, Doreen 2006. Landscape as provocation, Reflections on Moving Mountains, *Journal of Material Culture*, Vol.11 (1/2), March/July, 33-48.

McFadyen, L. 2008. Temporary Spaces in the Mesolithic and Neolithic. Understanding Landscapes, *Prehistoric Britain*, ed. Pollard, J. 121-134. Oxford: Blackwell Publishing.

Merleau-Ponty, Maurice, 1945. *Phénoménologie de la perception*, Bibliothèque des Idées, Librairie Gallimard.

Montaner, Josep Maria 2001. *A Modernidade Superada*, Barcelona, Editorial Gustavo Gil.

Muralha, João 1996. *Materiais líticos e cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numa. Continuidades e descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

Pollard, Josh, 2000. Ancestral Places in the Mesolithic Landscape, *Archaeological Review from Cambridge*, 17, 143-164.

Ribeiro, Orlando, 1986. *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, 4ª edição, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.

Reis, M., 2012. 'Mil rochas e tal...': inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa. *Portugália*, 33, 5-72

Reis, M., 2013. 'Mil rochas e tal...': inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2.ª parte). *Portugália*, 34, 5-68

Reis, M., 2014. 'Mil rochas e tal...': inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (conclusão). *Portugália*, 35, 17-59

Reis, M., Alves, L.B., Cardoso, J.M. e Carvalho, B. 2017. Art-facts - os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. *A Arte das Sociedades Pré-Históricas*, ed. Garcês S.; Gomes, H., Martins, A. & Oosterbeek, L., Actas do IV Congresso de Doutorandos e Pós-Doutorandos, 26-29 Novembro, Mação, 2015, *Techne* 3 (1), 97-111.

Rodrigues, M. e Rebanda, N. 1999. Cerâmicas pré-históricas do Baldoeiro (Adeganha-Torre de Moncorvo), *Olaria* 2, Barcelos.

Silva, Cristina Maria Costa 1996. *O Povoado Pré-Histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão no quadro do povoamento da 2ª metade do IIIº milénio a.C. /1ª metade do IIº milénio a.C., no Concelho de Vila Nova de Foz Côa*, tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada.

Sousa, Orlando 1996. *Estatuária Antropomórfica Pré e Proto-histórica do Norte de Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à FLUP, policopiada.

Thomas, Julian 2001. Archaeologies of Place and Landscape, *Archeological Theory Today*, ed. I. Hodder, Cambridge, Polity Press, 165-186.

Thomas, Julian 2005. *Archaeology and Modernity*, London and New York, Routledge.

Tilley, Christopher 1994. *A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments*, Oxford, Berg.

Tilley 2004. *The Materiality of Stone: Explorations in Landscape Phenomenology*. Berg Publishers

Vale, A., Cardoso, J. M. e Jorge V. 2006. Recintos Murados e/ou Colinas Monumentalizadas no Nordeste de Portugal? O Caso de Castanheiro do Vento, Vila Nova de Foz Côa, *TERRA: Forma de Construir*, ed. M. Correia e V. Jorge, Lisboa, Argumentum, 98-105.

Vale, Ana Margarida 2012. *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o sítio pré-histórico de Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, edição policopiada

Varela, José Manuel 2000. *As cerâmicas do Bronze Inicial e Médio do castelo velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), Tradição e inovação na transição do IIIº para o IIº milénio a.C.*, dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dois volumes, edição policopiada.

VV.AA 1997. *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa, Trabalhos de 1995-1996*, ed. J. Zilhão, Lisboa, Ministério da Cultura.

Witmore, Christopher L. 2007. *Landscape, Time, Topology: an Archaeological Account of the Southern Argolid, Greece. Envisioning Landscape, Situations and Standpoints in Archaeology and Heritage*, ed. D. Hicks, L. McAtackney, G. Fairclough. New York. Routledge.